

A GILLETTE E O NÚMERO TRÊS

O número três me seguia todos os dias.

A cada momento.

E, sempre que eu menos esperava, ele aparecia.

Alguns dias atrás, ao acordar, notei um pequeno inchaço embaixo do maxilar, do lado direito.

Mais ou menos do tamanho de uma bola.

Minha mulher me perguntou o que era aquilo.

Dei a ela a única resposta que fazia sentido.

Como faz um tempo que não viajo — talvez por causa da espera, talvez por necessidade, talvez por uma produção excessiva de testosterona —, uma terceira bola tinha resolvido crescer.

E não fui eu quem escolheu onde colocá-la.

Minha mulher sorriu.

Disse para eu parar de ser idiota e ir a um médico.

Mas que tipo de médico?

Um clínico geral?

Um médico de hospital?

Um especialista?

O médico de família sabia pouco e parecia viver de experimentos.

O médico de hospital vivia de intervenções rápidas, sem obrigação de provar nada.

O especialista cobrava e, portanto, não era para mim.

O plantão médico parecia a melhor entre as piores opções.

Uma médica abriu a porta e perguntou o que eu queria.

Eu ainda estava parado do lado de fora do portão.

“Eu sei que a quitanda é aqui ao lado”, eu disse, “mas isto aqui é mesmo o consultório médico?”

“É. O que o senhor deseja?”

“Dois quilos de banana. Se a senhora me deixar entrar, eu digo de que variedade.”

Ela sorriu e abriu o portão.

Então viu o meu rosto e a minha terceira bola.

Apareceram as luvas.

A região foi examinada.

A caxumba foi descartada de imediato.

A essa eu já tinha sobrevivido aos quatro anos de idade.

Chegou o veredicto.

Um linfonodo inflamado.

Precisava ser examinado imediatamente.

A operação “Renda Garantida para Médicos” tinha começado oficialmente.

Três receitas:

Um antibiótico.

Um corticoide.

Uma ultrassonografia.

E o compromisso de voltar em três dias para nova avaliação.

Depois ela pegou uma folha de papel e começou a escrever instruções explicando como a ultrassonografia devia ser feita.

Eu sorri.

“A senhora tem mesmo certeza de que o seu colega precisa de instruções por escrito para saber como funciona uma ultrassonografia?”

“O senhor tem razão”, respondeu ela.

Então veio a pergunta inevitável.

“O que o senhor faz da vida?”

“Sou paciente.

Mas passo a maior parte do tempo em quitandas.”

Eu me levantei.

“Vou para casa.

Vou me tratar com alho.

E depois eu aviso a senhora.

A senhora está entre os poucos sortudos que vão de fato chegar à aposentadoria.

Quando as pessoas descobrirem os efeitos, muitos dos seus colegas talvez precisem de uma nova profissão.”

Quando cheguei em casa, minha mulher estava esperando.

Preocupada.

Queria saber qual era o diagnóstico.

Eu disse a ela que não se preocupasse.

Logo eu estaria viajando de novo.

E o inchaço provavelmente ia desaparecer.

Talvez até antes de o avião pousar.

Ferdinando